

A Análise de Redes Sociais de Interação e o Letramento: contributos para o ensino de língua portuguesa

SOCIAL NETWORKS ANALYSIS AND LITERACY: CONTRIBUTION TO THE PORTUGUESE LANGUAGE TEACHING

Eliane Vitorino de Moura **Oliveira***

Resumo: Este trabalho, recorte de um estudo maior de doutoramento em Estudos da Linguagem, mostra, por meio do mapeamento da fala de 24 adolescentes oriundos de um distrito rural da cidade de Londrina, no Paraná, a análise das Redes Sociais de Interação (*social networks*) como um método analítico apropriado para o reconhecimento da realidade linguística dos alunos, uma vez que tal reconhecimento é necessário para a elaboração de materiais didáticos que respondam às necessidades atuais. Pelo viés da Sociolinguística, em especial sua vertente Educacional, em que se inserem os estudos do Letramento, as discussões com enfoque nos resultados certificam o trabalho com a Análise de Redes Sociais de Interação (ARS) como uma eficiente resposta em busca de caminhos para o eficaz ensino de língua portuguesa como língua materna, uma vez que cabe à escola levar em conta fatores como as redes de interação social em que se inserem os alunos, além de questões identitárias e graus de letramento a que se submetem em seu cotidiano extraescolar, para o ensino-aprendizagem concreto desses indivíduos. **Palavras-chave:** Análise de Redes Sociais. Português Língua Materna. Ensino.

* Doutora em Estudos da Linguagem pela Universidade Estadual de Londrina. Professora Adjunta na Universidade de São Tomé e Príncipe pelo Programa Letorado do Governo Brasileiro. Contato: liaoliver13@gmail.com.

Abstract: This paper, part of a study in language studies, by mapping the speech of 24 teenagers come from a rural district of Londrina, Paraná, shows social networks analysis as an analytical metode appropriate to recognize the linguistic reality of the students, because this recognition is necessary for the development of teaching materials that respond to current needs. Under the bias of Sociolinguística, especially its educational component, that carry the studies of literacy, discussions on the results certify the work with the Social Network Analysis (ARS) as an efficient answer to the search for ways to effective teaching of Portuguese language as mother tongue. It is the school's responsibility to take into consideration factors such as the social interaction networks in which students, identity issues, and the level of literacy of the students' out-of-school lives for the ideal learning.

Keywords: Social Network Analysis. Portuguese mother tongue. Education.

Introdução

Vivemos inseridos em redes sociais. Ligamo-nos às pessoas por meio de uma rede invisível e maleável que nos conecta a nossos círculos sociais, profissionais e familiares, propiciando inúmeras trocas de experiências em nossas atividades no dia a dia.

Na interação cotidiana, cada falante segue uma ou outra variedade linguística, o que depende do papel social representado em cada uma de suas diversas situações de interação. Mas também entram no jogo interativo, sendo determinantes na opção por qual variedade fazer uso nesses momentos, as redes sociais (*social networks*) imbricadas nessas relações.

Em um trabalho de pesquisa para o doutoramento, foram investigadas as relações de 24 adolescentes residentes em um distrito rural da cidade de Londrina, no Norte do Paraná, com o intuito de verificar o peso dessas redes sociais na configuração da fala desses indivíduos.

Utilizando a Análise de Redes Sociais (ARS) como método analítico, foi possível traçar mapas identitários de cada um desses informantes e, a partir deles, estabelecer as conexões e o peso de cada rede para a forma de falar de cada um.

Neste trabalho, tais mapas são apresentados e os resultados são discutidos, com a intenção de mostrar o importante papel que as redes sociais de interação podem apresentar para o ensino de língua portuguesa, uma vez que, conhecendo as redes por que se desenrolam as interações de nossos alunos, podemos não só descrever a variedade efetivamente praticada por cada indivíduo, como entender sua configuração. E, entendendo sua configuração, será possível estabelecer um ensino voltado para a sua realidade linguística.

Redes Sociais de Interação

Há três conceitos-chave em Sociolinguística, no âmbito interação-variação-mudança: comunidades de fala, redes sociais de interação e comunidades de prática, com todos abarcando a interação. Interessa-nos aqui o conceito de Redes Sociais.

Inicialmente base de estudos antropológicos, a noção de redes sociais de interação chega à Sociolinguística pelas mãos e pelo estudo de Lesley Milroy (1987), cujas pesquisas em Belfast, na Irlanda, propõem uma nova conceituação para a comunidade de fala, alicerçada pelas interações sociais entre pessoas e as conexões estabelecidas nessas interações, visto que, vivendo em sociedade, os indivíduos comumente adotam condutas paritárias às dos integrantes de seus grupos de interação, incluindo aí o comportamento linguístico.

Os estudos das Redes Sociais de interação, termo traduzido do inglês *Social Networks*, apresentam uma abordagem complementar sobre as questões da variação e da mudança linguística, pois as concebem como resultado da interação entre falantes inseridos em determinados contextos sociais e situacionais, fatores essenciais que não podem ser descartados na medição e mensuração da variação/mudança, bem como secundarizam a importância de variáveis linguísticas e sociais descontextualizadas, favorecendo a aproximação das análises à dimensão do cotidiano, fugindo, com isso, de generalizações universais.

Além disso, quando aplicadas ao estudo da linguagem, servem como auxiliares para o esclarecimento dos mecanismos sociais cotidianos favoráveis à manutenção ou mudança da expressão linguística de indivíduos, pois visam

a explicar por que sujeitos com características tão próximas, como é o caso dos alunos pesquisados neste trabalho – ou seja, mesma idade, escolaridade, estrato social e história de vida aproximados, entre outros fatores – apresentam diferenças tão marcantes em sua expressão oral.

Bortoni-Ricardo (2011, p. 15) define Redes Sociais de interação como “um conjunto de vínculos de todos os tipos entre os indivíduos em um grupo”. Na visão de Severo (2007), são meios de averiguação dos mecanismos presentes nas comunidades que facilitam ou dificultam a mudança, os quais também servem para analisar o modo como os indivíduos usam os recursos da variabilidade linguística que lhes são disponíveis.

Essas redes representam os graus de contato entre indivíduos que se relacionam cotidianamente de acordo com propriedades como *density* (densidade), relacionada à estrutura da rede, e *multiplexity* (multiplexidade), condizente com o conteúdo da rede.

Em Milroy (1987, p. 50, tradução nossa), lemos que “uma rede é considerada relativamente densa se um grande número de pessoas se liga umas às outras de diferentes formas”¹.

Quanto maior for o número de pessoas que se conhecem entre si internamente em um grupo, maior a densidade da rede, informa ainda Milroy (1987), pois, ao se relacionarem avidamente em sua rede, o contato com o exterior é minimizado, uma vez que cada indivíduo tem poucas possibilidades de usar suas relações para contatar pessoas e ser contactado por pessoas de fora dos limites do grupo. Em contrapartida, uma rede em que poucas pessoas se conhecem mutuamente é uma rede de tessitura frouxa, com pouca densidade.

Em relação à multiplexidade, a autora considera as características dos laços dentro das redes tão importantes quanto as próprias redes, uma vez que, mesmo estando dentro da mesma ordem, alguns laços podem ser mais influenciáveis que outros.

Dentro desse conceito, Milroy (1987) faz uma bipartição entre multiplexidade e uniplexidade. Um vínculo será uniplex quando um integrante

¹ A network is said to be relatively dense if a large number of the persons to whom ego is linked are also linked to each other.

da rede representar um papel apenas em relação ao outro, por exemplo, apenas patrão e empregado. O grau de complexidade aqui é baixo, já que os papéis sociais exercidos pela mesma pessoa não são diversificados, devido aos restritos domínios de atividades sociais. Será multiplex quando assumir uma gama de papéis, ou seja, sendo patrão, pode ser também vizinho, tio, pastor, entre outros.

Bortoni-Ricardo (2011) frisa a importância desses conceitos também para a distinção entre rural e urbano, tema deste trabalho, uma vez que, em localidades rurais, é comum o indivíduo exercer diversos papéis numa mesma comunidade de fala, o que gera uma dependência linguística entre os membros dessa comunidade, ao passo que, em localidades urbanas, os conhecidos podem ser vários, cada um com um papel bem marcado. A autora esclarece: “enquanto o meio urbano caracteriza-se por um alto nível de densidade de relações de papéis, o ambiente em vilarejos apresenta um baixo nível desse tipo de densidade” (BORTONI-RICARDO, 2011, p. 94).

Milroy e Milroy (1985) afirmam a proeminência desses fatores e reiteram a relevância da força dos laços interindividuais e da configuração da própria rede. Para os autores, há laços fortes e fracos conectando indivíduos em rede. Laços fortes, caracterizados por ligações multiplex, tendem a se concentrar em grupos particulares, pois unem indivíduos em diferentes tipos de interação, como colegas de trabalho, vizinhos, aluno/professor, cunhado/patrão, etc., ao passo que laços fracos conectam indivíduos entre grupos e, por essa razão, propiciam a propagação da inovação.

O produto da soma desses laços resulta na tessitura da rede, a qual, nos aspectos estruturais estabelecidos por Milroy (1987), envolve a densidade e a multiplexidade já mencionados. Essa tessitura estabelece os elos entre as redes, pois, como mostra a autora, uma rede de alta densidade possui pontos interconexos, ao passo que as redes de baixa densidade apresentam pontos difusos, com grande espaçamento e sem elos de coesão.

Discorrendo sobre a questão, Bortoni-Ricardo (2011) fala de isolamento e integração de redes como fatores de densidade e de multiplexidade. Em seus estudos, constatou que redes em que há um limite territorial demarcado, restrito à família e aos vizinhos, podem se isolar, ao contrário daquelas em que não há limitação territorial e os integrantes se relacionam em variados contextos sociais, cuja tendência é para a heterogeneidade e, com isso, tornam-se integradas.

Além disso, a autora destaca a atuação como reforço normativo desempenhada por redes densas. Nesse sentido, argumenta:

Quando as redes apresentam uma ‘tessitura densa’, isto é, quando há um alto grau de densidade, seus membros atingem grande consenso normativo e exercem consistente pressão informal uns sobre os outros, visando à conformação das normas consensuais. Por outro lado, quando a rede apresenta ‘tessitura frouxa’, há maior probabilidade de variação das normas. (BORTONI-RICARDO, 2005, p. 85, grifos da autora).

Com isso, observa-se que há um liame entre redes de interação, conservação de variedades e assimilação da língua padrão, uma vez que esses espaços de interação abarcam mecanismos que podem tanto facilitar quanto dificultar a mudança linguística.

Assim, se laços fortes, inseridos em redes densas, podem reforçar o falar local, e laços fracos, traços de redes frouxas, propagar mudança, a fala dos alunos do Colégio Estadual de Paiquerê em direção à norma urbana ou fixada no falar rural encontra aqui uma explicação fundamental. Dentro dessa perspectiva, as noções de difusão e focalização propostas por Le Page (1980) têm papel importante.

O pesquisador estabelece que

Envolvemo-nos em atividades que eu chamo de projeção e de focalização: por meio da fala, projetamos para o grupo social os conceitos que formamos, de modo a fornecer o nosso universo e tentar levar os outros a reconhecerem do que somos feitos. Depois, tentamos trazer os nossos conceitos para foco alheio, de modo a que haja um feedback a partir do tecido social por meio da linguagem.² (LE PAGE, 1980, p. 15-16).

² We engage in activities I call projection and focussing: we project on to the social screen the concepts we have formed, by talking about them, so as to furnish our universe and try to get others to acknowledge the shape of the furniture; we in turn try to bring our concepts into focus with those of others, so that there is feedback from the social screen through language.

Dessa maneira, propõe o conceito de difusão como resultado da mobilidade física e social dos falantes que se encontram em área de contato dialetal. Da mesma maneira, estabelece como focalização a estabilidade linguística e física própria de comunidades estabelecidas há longo tempo e onde não há contato dialetal.

Esses conceitos, intrinsecamente ligados às caracterizações das redes sociais, têm implicação direta nos usos linguísticos, especialmente em relação à manutenção e à mudança linguística. Pesquisas realizadas por Milroy (1987), Bortoni-Ricardo (2011) e Oliveira (2014) apontaram disposição para a manutenção e focalização do falar identitário em comunidades cujas redes são isoladas, devido à resistência pela mudança linguística. Em contrapartida, em redes integradas e abertas à mudança foi caracterizada maior difusão.

Bortoni-Ricardo (2011) certifica a conexão entre o isolamento das redes e a manutenção linguística não só em pequenos lugarejos, mas também em localidades metropolitanas territorialmente definidas, cuja coesão social, étnica ou religiosa é alta. E, ainda, a associação existente entre redes de tessitura miúda e a preservação da linguagem minoritária, tanto quanto a ligação entre redes abertas e a linguagem dominante.

Entre alguns adolescentes aqui analisados, em especial os que trabalham fora do distrito, foi possível notar a difusão do falar rural, no sentido de afastamento, como o ocorrido em Brasília e observado por Bortoni-Ricardo (2011), já que não houve, necessariamente, aquisição da norma culta, e sim de um falar menos estigmatizado, mais distante do falar rural.

Exemplifico: os informantes INF1, INF6, INF23, INF24, inseridos em redes externas às comumente rurais, pois trabalham fora do distrito, indo para a cidade diariamente. Informantes como INF15, INF18, INF20, INF21 e INF22 trabalham apenas no sítio, quase todos tendo seus pais como patrões e sem carteira assinada, marca do trabalho urbano, apresentam contatos mais restritos. Dessa maneira, com os primeiros, a possibilidade de difusão é maior que para com os últimos, os quais podem apresentar maior focalização, visto que, como bem observa Bortoni-Ricardo (2005, p. 123), “a fala em comunidades rurais isoladas pode ser considerada como uma forma altamente focalizada do vernáculo rural”.

Mas não são só comunidades de fala rurais as propícias a promover a focalização de uma variedade linguística. Os estudos de Milroy (1987)

mostram que a focalização cultural e a linguística estão associadas a uma estrutura de rede de malha estreita, podendo acontecer se as condições forem adequadas e em qualquer estrato da sociedade. Ou seja, é comum os integrantes das altas classes sociais participarem de grupos extremamente coesos, cujas redes de interação tornam-se de estrutura densa, estática e multiplexa, favorecendo a focalização da variedade urbana.

Não obstante esses fatos, Bortoni-Ricardo (2005) coloca a ascensão social como outro fator preponderante para a difusão de uma variedade não padrão, uma vez que, ao ascender socialmente, esse processo é intensificado, pois o falante tende a integrar-se simbolicamente a uma rede referencial da cultura dominante. Estancando socialmente, entretanto, suas redes serão de textura densa, o que favorece a focalização, destacando os efeitos da combinação da imobilidade geográfica e imobilidade social, geradores, ao longo de algumas décadas, de condições para focalização do falar rural.

No próximo item, apresento a análise da fala dos 24 adolescentes e a relação com os pressupostos teóricos aqui estabelecidos.

Análise de Redes Sociais (ARS): um método analítico

A ARS “guarda uma estreita relação com a mobilidade social do indivíduo e, portanto, desempenha um papel decisivo nos processos de extensão da mudança”³ (CARAVEDO, 2003, p. 45, tradução nossa).

Originalmente utilizada nos sistemas de telecomunicações e computação, procura estabelecer um meio objetivo de identificar conexões (laços ou relações) e pontos (nós ou atores) dentro de um sistema determinado e, com isso, representar padrões estruturais de relações, os quais tanto podem se apresentar como constantes como totalmente imprevisíveis e não lineares.

É uma metodologia aplicada ao estudo das relações entre entidades e objetos de qualquer natureza, em especial no que tange aos problemas

³ La tipología de tales redes (en su relativa multiplicidad y densidad) guarda una estrecha relación con la movilidad social del individuo y, por lo tanto, desempeña un papel decisivo en los procesos de extensión del cambio.

complexos, como a manutenção e mudança linguística, por exemplo, e por isso viável para os estudos sociais.

De acordo com Hanneman e Ridle (2005), a ARS caracteriza-se fundamentalmente por sua ocupação com dados que expressam relações entre objetos diversos, ocasionando um deslocamento de foco analítico. Ou seja, a abordagem tradicional nas ciências humanas centra-se nos atributos individuais, ao passo que a ARS vislumbra as relações estabelecidas por esses indivíduos com os demais participantes em determinado contexto social.

Barry Wellman (1999, p. 11) afirma que “a essência da análise de redes sociais está no foco sobre as relações e estruturas sociais – onde quer que possam ser localizadas e quaisquer que sejam os atores envolvidos”.

Existem padrões de interação, os quais podem ser compreendidos como unidades, estruturas de certa forma duráveis que seguem, teoricamente, determinações lógicas intrínsecas do sistema do qual fazem parte.

A ARS considera as relações como blocos de construção da estrutura social e entende que o ambiente social se expressa pelos padrões ou regularidades presentes em tais relações. É um conjunto de métodos voltado para o estudo sistemático das estruturas sociais e visa à descrição e à análise dos padrões relacionais presentes nas redes.

Para a ARS, não há a dicotomia sincronia/diacronia, dada a dinamicidade das redes, e o foco se volta, justamente, para esse dinamismo, visto ser a realidade social resultado de decisões individuais, autônomas, por isso a relação entre macro e micro é inerente.

Utilizar a ARS como método de análise é mais propício ao tratar da fala, ato individual, pois os indivíduos não são tratados como equi-iguais, já que são, faticamente, extremamente diferentes.

Em redes, tudo isso está relacionado, imbricado, sendo os dados dependentes uns dos outros e a mensuração dessa imbricação pode se dar por meio de dois tipos de análise: as sociocêntricas e as egocêntricas. Utilizo as segundas por focalizarem os efeitos da rede sobre as atitudes individuais e comportamentos condicionantes, ou seja, por preocupar-se com os efeitos de uma rede sobre atitudes individuais, por exemplo, como o contexto e a estrutura social afetam as liberdades individuais e, neste caso em especial, como as redes afetam a configuração da fala do adolescente que reside em Paiquerê.

A quantificação das redes pode ser feita por alguns meios. Neste trabalho, uso o programa Egonet⁴, criado por Christopher McCarty, da Universidade da Flórida – EUA, um software livre, disponível para ser baixado na internet, que, além de outras funções não relevantes para este trabalho, quantifica os contatos de pessoa determinada, por meio da identificação de conexões e pontos dentro de sua rede egocêntrica ou pessoal, estabelecendo os padrões estruturais de sua interação e, com isso, definindo a constância e a aleatoriedade de suas relações.

Para obter o mapeamento das redes dos informantes, foi feito um questionário básico de três perguntas diretas: “Quais são as cinco pessoas mais importantes na sua vida? Quais foram as cinco pessoas com quem mais conversou desde o início da semana? Se ganhasse um prêmio hoje, com quem o dividiria?”. Obtidos os nomes, estes foram lançados no programa para a definição de quem se relaciona com quem na rede.

Cada informante foi convidado a responder a afinidade que cada membro de sua rede pessoal teria com o outro. Exemplificando pela INF1: ela citou marido, avó, patroa, mãe e irmão, nessa ordem, como os membros de sua rede pessoal de interação. Questionei se o marido, primeiro membro citado, interagia com avó, patroa, mãe e irmão; na sequência, se a avó se relacionava com marido, patroa, mãe e irmão; assim sucessivamente e com todos os vinte e quatro adolescentes.

O resultado, apresentado na sequência, permite caracterizar as redes desses informantes, no que concerne à densidade e à complexidade, bem como a qualidade dos laços, se densos ou frouxos, o que é de fundamental importância para a manutenção ou a mudança do falar identitário em favor de um outro que se deseje alcançar, como a mudança do falar rural para o falar urbano.

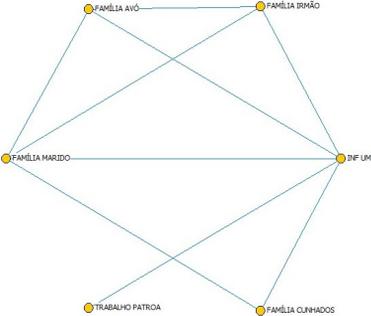
Ademais, conhecer os laços permite entender como as redes agem em relação ao desejo, consciente ou não, que o falante tem pela manutenção ou mudança. Em relação a isso, alicerço-me em Bortoni-Ricardo (2014, p. 130), quando assegura que “em comunidades de tessitura miúda, onde praticamente todas as pessoas interagem entre si, a pressão normativa é maior.

⁴ Disponível em: <<http://bit.do/egonet>>.

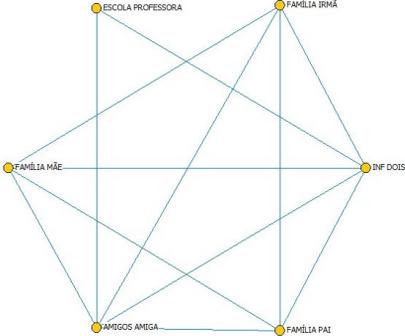
Em comunidades de redes mais esparsas, de tessitura larga, a pressão normativa é menor”.

Vejamos como ficaram alguns desses mapas:

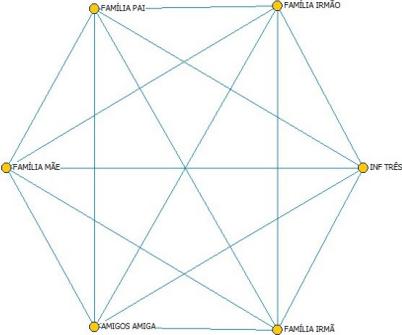
Rede Pessoal INF1



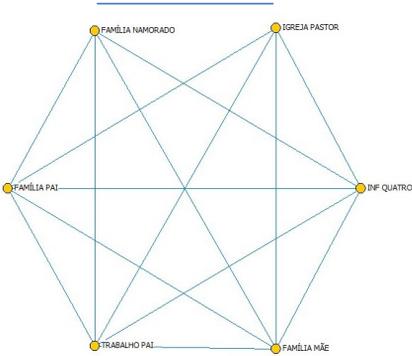
Rede Pessoal INF2



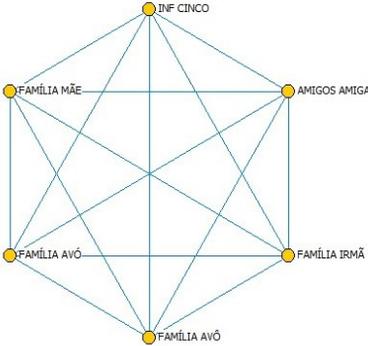
Rede Pessoal INF3



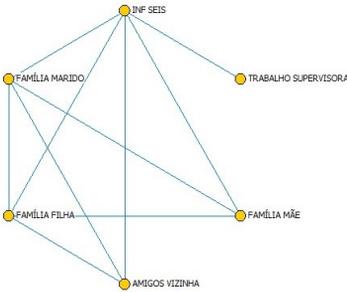
Rede Pessoal INF4



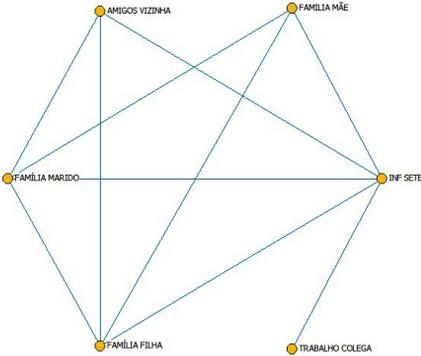
Rede Pessoal INF5



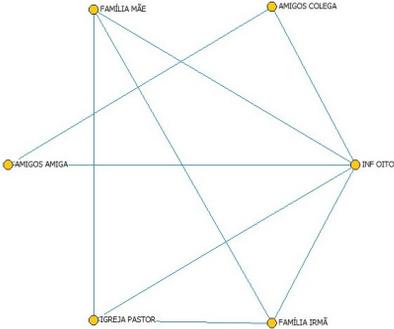
Rede Pessoal INF6



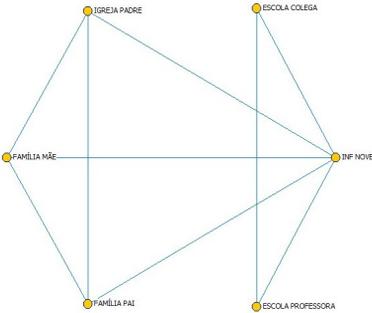
Rede Pessoal INF7



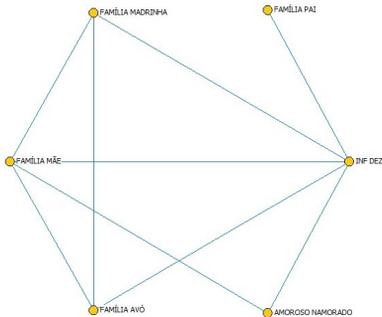
Rede Pessoal INF8



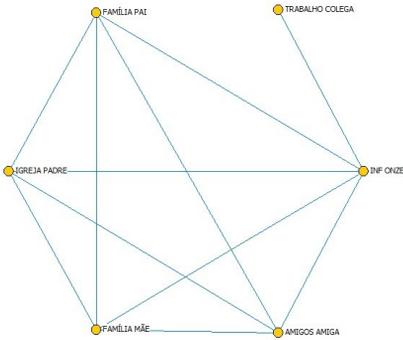
Rede Pessoal INF9



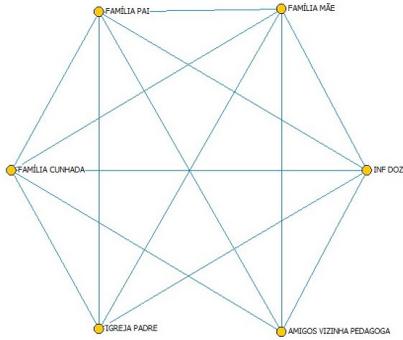
Rede Pessoal INF10



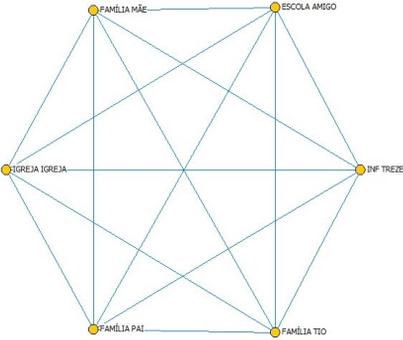
Rede Pessoal INF11



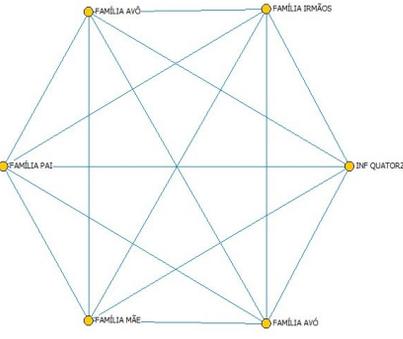
Rede Pessoal INF12



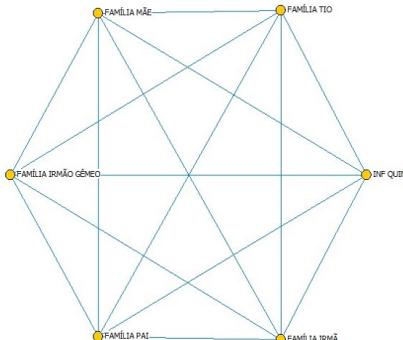
Rede Pessoal INF13



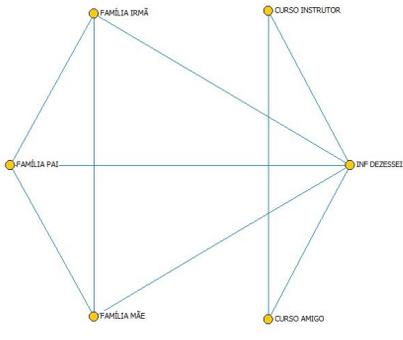
Rede Pessoal INF14



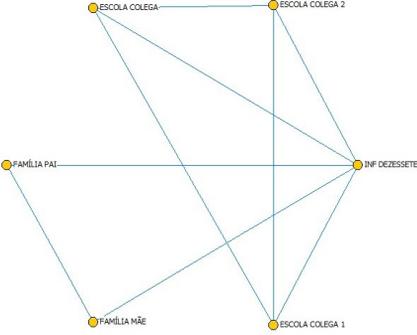
Rede Pessoal INF15



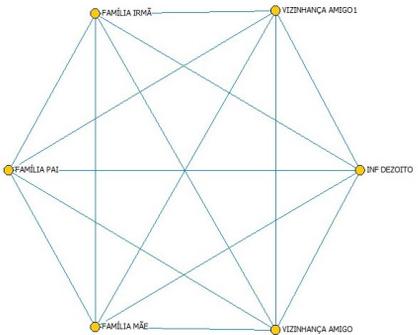
Rede Pessoal INF16



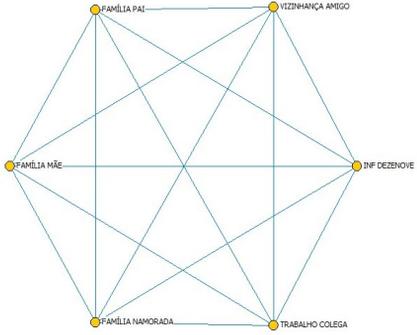
Rede Pessoal INF17



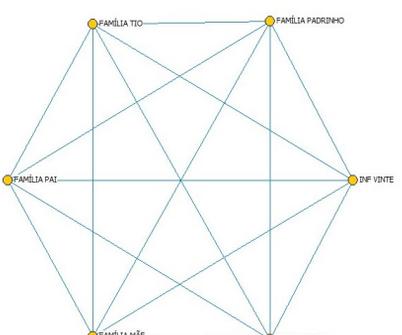
Rede Pessoal INF18



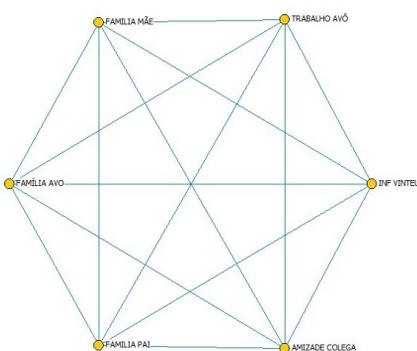
Rede Pessoal INF19



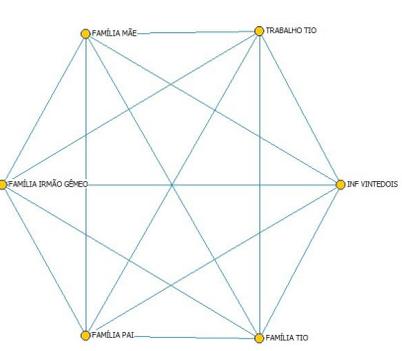
Rede Pessoal INF20



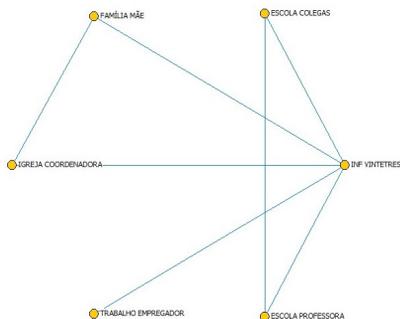
Rede Pessoal INF21



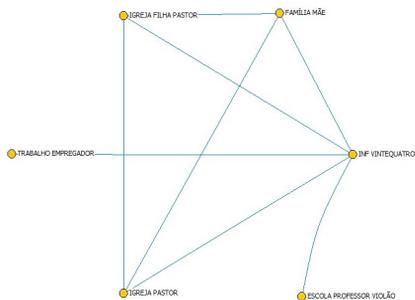
Rede Pessoal INF22



Rede Pessoal INF23



Rede Pessoal INF24



Fonte: A própria autora.

O mapa do INF24 é o único a apresentar dois laços que não se cruzam. Dessa maneira, sua rede pessoal pode ser caracterizada como frouxa, uma vez que não apresenta redundância de vínculos e há mais de um laço fraco, multiplex, que se abre para o contato exterior. Essa pode ser a causa da aproximação total com o falar urbano, pois tais redes favorecem a adesão à cultura de prestígio e, com isso, a aproximação ao falar urbano.

Bortoni-Ricardo (2005, p. 88) justifica tal postura ao relatar que

Quando o indivíduo consegue ascender socialmente, sua rede de interação torna-se mais heterogênea, e, conseqüentemente, de tessitura mais frouxa. O processo de difusão dialetal se intensifica, e o falante vai se aproximando da norma culta, adquirindo uma gama mais ampla de registros [...].

As redes de INF1, INF7, INF9, INF10, INF11 e do INF23 trazem pelo menos um laço fraco, aberto para o exterior, além de não haver ligação entre todos os membros de sua rede pessoal. Podem, portanto, também ser caracterizar como redes frouxas, uma vez que há grandes possibilidades de interferência externa. Esse tipo de rede pode ser associada a uma prática linguística rurbana, ou seja, é possível que, em uma alocação final desses informantes no contínuo de urbanização, posicionem-se em pontos rurbanos,

mais próximos de um extremo ou de outro, mas não especificamente nas pontas da linha.

A rede trabalho, ainda que relevante, pode ter características distintas, o que afeta a configuração linguística dos informantes. Como exemplo, cito INF7 e INF23. A INF7, cujo local de trabalho é o próprio distrito, apresenta traços do falar rural, como “Tem qui sê *compreto*?”, ao passo que o INF23, que trabalha no maior centro comercial de Londrina, expressa-se bem próximo do falar urbano, mesmo nos últimos momentos da entrevista, em que, relaxado, já apresentava o seu vernáculo, como em: “aí ela dexô um pidido qui era pra *cuidarmos* do filho mais novo dela qui é o qui mora im Santa Catarina”.

Tal discrepância na fala de informantes que têm a rede trabalho em suas interações pode ser respondida por fatores conjugados. Ainda utilizando os INF7 e INF23, o local de trabalho e o grau de letramento dessas redes influenciam uma mudança ou manutenção do falar rural. A INF7 trabalha em um mercado localizado na área urbana do distrito, tendo a função de remarcar preços e repor mercadorias. Ainda que seus patrões tenham um status social superior, também moram no distrito, e as colegas de trabalho são todas de lá. O grau de letramento dominante é mínimo. Já o INF23 trabalha na administração de um shopping center. Todos os seus colegas de trabalho utilizam o falar urbano, quando não, um rurano situado bem próximo da ponta do contínuo de urbanização. Esses fatores são, de fato, preponderantes na diferença marcante entre as falas desses dois informantes.

A INF1 tem no trabalho uma motivação para a alternância de norma. Ela mesma, em sua entrevista, conta que uma de suas patroas, professora aposentada da UEL, cobra-lhe um falar mais próximo do padrão. Em Bortoni-Ricardo (2011), vemos que é possível associar esse fato ao que Labov chama de “incongruência de status”, uma vez que a informante, na busca pelo uso do falar urbano, está adotando os valores de um grupo externo ao seu, um grupo que tem como referência, e, nessa busca, alterna entre o rural e o urbano, ficando no rurano, como se vê em “Intão, o qui eu assisto mais é *os canais pagos*, né, eu gosto do History, eu gosto do di filmes, *todos os canal* di filmi.”. Devido a esse contato com patroas diferentes, suas redes são frouxas e com laços uniplex.

A INF6 tem uma ligação com o trabalho, personificada na pessoa de sua supervisora, bastante forte. Sua rede é frouxa, com laços uniplex na maioria das interações. A INF7 insere-se em uma rede relativamente frouxa, já que existem laços frouxos, com pontos difusos.

Em relação às INF2, INF8, INF12 e aos INF16 e INF17, ainda que estejam alocadas nos espaços do quadro, e que a maioria dos laços seja interligada, há pontos desconectados, sem elos de coesão, como vimos em Milroy (1987), o que possibilita a intervenção externa não categórica. Essa abertura caracteriza suas redes como relativamente densas e os laços como relativamente fortes, o que pode ser responsável pelo falar rurano, pois as expressões ora estão mais próximas do falar urbano, ora aproximadas do rural.

A INF2, por exemplo, apresenta essa alternância, a exemplo de: “Ué, *por causo qui* eu acho bem bunito aquelas praia, eu sempre tive vontadi di *conhecê-las*.”. A expressão “por causa qui” não é bem aceita socialmente, por isso, um traço descontínuo, contrastando com o uso de acordo com a prescrição da norma padrão do pronome oblíquo (conhecê-las). Ainda há a falta de concordância nominal – de gênero e de número – em: “bem bonito aquelas praia”, traços graduais, pois aparecem na fala não monitorada da grande maioria dos falantes.

Na fala de INF8, temos “é *ligaro* né pu um zero nove da pulícia e *falo* que tinha qui é um bicho perigoso dentro da casa qui ia pegá ele”. No primeiro uso do verbo na terceira pessoa do plural, há concordância, entretanto, ocorre a desnasalização, o que, de acordo com Bortoni-Ricardo (2011), é uma das marcas do falar rural. Além disso, não ocorre, no segundo verbo, a concordância com a terceira pessoa do plural subentendida. Essa característica rurana também é específica de zonas periféricas das grandes cidades, local em que a informante residiu por um período antes de morar na ZRD.

Já as redes de INF3, INF4, INF5 e de INF13, INF14, INF15, INF18, INF19, INF20, INF21 e INF22 são densas, uma vez que todos os membros interagem entre si. A influência de fatores exteriores é dificultada pelos laços fortes, multiplex. Todos os pontos são conectados. Suas redes são, portanto, de tessitura miúda.

A INF4, por exemplo, tem um laço característico das redes densas, que é a multiplexidade dos papéis: seu pai é também seu patrão. Mesmo fazendo cursos e tendo namorado, essas redes são ligadas às outras, o que fixa a densidade total de sua rede de interações. A mãe é seu modelo, sua referência profissional. Única mulher com essa característica de vínculo, junta-se aos meninos, pois INF15, INF18, INF19, INF20, INF21 e INF22 têm em comum os pais ou algum familiar representando mais de um papel em suas interações, marca de redes de tessitura miúda.

A família tem um peso grande para a maioria desses informantes, como a INF3, que tem na mãe seu grande modelo de vida, sendo a rede dominante não só nas interações, bem como em relação ao referencial a ser seguido. O INF19 tem a namorada como uma referência para um falar mais apurado e alega “quando tô cum ela eu cuido mais do jeito di falá.”

Cada um dos informantes tem uma referência, um modelo a ser seguido, representado pelo ponto central de suas redes de interação. Esse ponto central é determinante para o processamento de sua fala, para seu desenvolvimento linguístico. Descortinar isso é fundamental para estabelecer a identidade dos alunos em sala de aula e, por meio disso, empreender soluções para o ensino-aprendizagem de Língua Portuguesa. Aí, o grau de letramento das redes de interação centrais é fundamental.

O Nível de Letramento nas Redes de Interação Social

Bortoni-Ricardo (2005) afirma existirem indivíduos em nível mais avançado na ação de transformação de seu falar original em favor dos padrões urbanos mais prestigiosos, o que obtiveram por intermédio do saber sistematizado promovido pela escola, ou pelo contato mais estreito com a cultura de letramento. Ao mesmo tempo, há aqueles que conservam seus hábitos linguísticos praticamente inalterados.

Os adolescentes pesquisados têm vários pontos em comum: idade, escola, moradia em uma região de caráter rural. A maioria nasceu na região e, quando não, migrou de cidades do interior do estado, todas com mais ou menos as mesmas características sociodemográficas.

O que os difere e individualiza, portanto, são suas redes sociais de interação. A maneira como usam a fala é marca de identidade, como já

sabemos, e o uso de determinada marca descontínua, como o rotacismo, por exemplo, pode assinalar uma necessidade de afirmação em um grupo, ou mesmo a vontade de se parecer com algum membro referencial na rede de maior peso em suas interações.

Na gênese da Sociolinguística, conforme alerta Bortoni-Ricardo (2014), o impacto de qualquer espécie de letramento sobre as comunidades de fala não era discutido. Hoje, segundo a pesquisadora, as diferenças em relação ao fraco desempenho escolar de crianças oriundas das classes desfavorecidas socialmente pode ser explicado tendo como base o grau de letramento escolar que perpassa o convívio familiar.

Diante disso, se faz primordial uma análise do acesso a eventos e práticas de letramento propiciadas por agências hegemônicas e, portanto, de prestígio a que são submetidos os informantes aqui analisados, visto que, nas palavras de Street (1984), tal acesso relaciona-se estreitamente às estruturas de poder na sociedade.

Usando como exemplo a INF1, INF3 e INF7, nota-se que a INF1, apesar de ter uma profissão em que os eventos de letramento prestigiosos não são propícios, tem em uma das patroas uma referência. A própria informante admite se espelhar nessa professora aposentada que lhe cobra um falar mais “certo”, de acordo com ela. A ideia de aceitabilidade de Goodenough (1957) pode ser notada aqui, uma vez que a informante baseia-se em um modelo estético de configuração linguística que lhe parece mais adequado. Além disso, lê com frequência e tem, no seio familiar, dois cunhados alvos de sua admiração pelo fato de terem curso superior. É possível, com isso, entender sua rede de maior contato, a família, como positiva nesse sentido, bem como sua rede de referência, que é o trabalho.

A INF3 tem a família como rede de contato assíduo e como rede de referência. Admiradora incondicional da mãe analfabeta, que não trabalha e não lê, tem apenas a escola como rede de letramento forte, mas, pelas condições em que atuou durante a entrevista, tal condição não tem influenciado sua configuração linguística, nem mesmo outras áreas de sua interação social. Redes com letramento quase nulo.

A INF7 trabalha em um mercado no próprio distrito, repondo mercadorias e remarcando preços. Suas redes de interação diárias não são propícias às práticas de letramento, inclusive, seu contato com a cidade, por meio de uma grande amiga, é mediado pelo falar rurbano.

Descrevendo o grau de letramento dos informantes do sexo masculino, exemplifico com o INF13, cujas redes sociais de interação não proporcionam eventos de letramento dominante. Não trabalha, integrante de uma rede densa, cuja referência maior é o pai analfabeto. É fraco o seu acesso aos eventos letrados, o que pode estar em mutação, visto que se inseriu recentemente à rede igreja, tendo com ela uma identificação significativa. Esse informante possivelmente será diferente se estudado daqui a alguns anos.

O INF23 e INF24 têm redes de interação de práticas letradas cotidianas, ou seja, alto grau de letramento dominante. O trabalho e a igreja, em especial para esses dois informantes, exercem um papel primordial na configuração linguística. As práticas letradas permeiam todas as interações, inclusive em casa, já que as mães costumam ler e incentivam essa prática em família.

Há uma diferença considerável no grau de letramento forte entre meninos e meninas. Tal fato pode ser acidental, como pode também expressar uma característica dos jovens do interior do Brasil. Cabem, aqui, estudos posteriores.

A Análise de Redes Sociais e o Ensino de Língua Portuguesa

A análise que fiz mostrou o quanto as redes de interação social determinam a configuração linguística desses informantes, de origem rural e, não obstante isso, o grau de letramento a entremear as interações como principal organizador de uma aproximação ou afastamento do falar rural.

Além da confirmação de uma característica inerente à faixa etária que me propus a investigar, que é o sentido de pertencimento a um grupo, há relações de identidade demarcando todas as formações do indivíduo, quer linguísticas, sociais, de caráter ou de orientação geral.

Concluído o óbvio? Provavelmente. Entretanto, a obviedade aqui não é obsoleta ou dispensável, haja vista casos como o da INF3, cuja interação na entrevista mostrou um nível de criticidade e até mesmo de letramento inesperado para sua condição de conluente do ensino médio.

Diante de tal situação, são pertinentes as considerações de Bortoni-Ricardo (2005, p. 181) sobre o descaso da escola no acesso do aluno à norma padrão, uma vez que não favorece meios de exposição a

exemplos dessa variedade em sala de aula, a despeito “da grande ênfase que a pesquisa sociolinguística tem dedicado às conseqüências educacionais da variação linguística”.

A questão é muito mais abrangente. Oferecer o acesso à sistematização da língua materna a alunos tão heterogêneos da maneira homogênea como vem sendo praticado pode ser uma causa do insucesso apresentado por informantes como INF3, INF7, INF20, entre outros.

Convivi com os professores do Colégio Estadual de Paiquerê como pesquisadora e como colega de trabalho. Nas conversas em sala de aula, vi e conversei com professores que se situam em pontos muito próximos do rural se alocados no contínuo de urbanização. Entre eles, uma das professoras de Língua Portuguesa.

Em vários momentos, alguns alunos mais ousados chegaram a questionar para mim “a fala errada” da professora tal. Questionavam e duvidavam de sua capacidade, portanto, não a respeitavam.

Camacho (2010, p. 42) assevera ser uma necessidade a todo e qualquer indivíduo ter “interiorizadas em sua competência linguística, as formas alternativas da variedade-padrão, ou de prestígio, e da variedade não padrão, que pode também ser estigmatizada, sobre as quais ele pode operar seleção conforme variam as circunstâncias de interação”. E completa colocando como papel da escola o cuidado para que as crianças tenham, desde a tenra idade, o acesso ao ensino das formas da variedade padrão, de maneira que possam, quando adultas, incorporar formas padrão ao seu repertório linguístico e serem, dessa maneira, capazes de adequar sua fala aos contextos exigidos pelo momento interacional.

Como poderia a professora citada mencionar a necessidade de adequação aos contextos linguísticos exigidos, não conseguindo fazê-la?

A esse respeito, discorre Castilho (2010, p. 209, grifo meu):

Tendo a escola a obrigação de ensinar o português culto, e levando em conta o ingresso nela de muitos alunos que praticam a variedade popular, é evidente que os professores têm de conhecer bem ambas as variedades para desenvolver estratégias de, respeitando a popular, expor os alunos à variedade culta. Ou seja, é preciso que professores e alunos conheçam bem ambas as variedades para escolher com

adequação aquela que melhor corresponda à situação de fala: em casa, adota-se a norma familiar, qualquer que seja ela; falando com estranhos, adota-se o português padrão. É nessa espécie de *bilinguismo interno*, manejado com naturalidade em sociedades desenvolvidas, que se assenta uma percepção democrática de uso da língua materna.

O ensino de Língua Portuguesa deve levar em consideração a variedade trazida pelo aluno para a sala de aula, pois é sua identidade e traz enraizada suas redes de interação. O efeito drástico que há hoje ao tentar impor uma variedade sobre a outra acaba por afastar o aluno do interesse em buscar novas formas, a fim de se adequar, uma vez que isso implica um afastamento de suas origens, na maior parte dos casos.

Mostrar ao aluno o leque de possibilidades linguísticas à sua disposição, exemplificando situações e usos, ao contrário, possibilitará a ele o reconhecimento da riqueza da língua e favorecerá o desejo de conhecer, de se aprimorar e ser proficiente em sua língua mãe.

Respeitar a variedade trazida pelo aluno não significa, portanto, negar-lhe o acesso às formas prestigiadas da língua. Como bem advoga Gagné (2002, p. 230):

Trata-se, para a escola, sem lançar juízo de valor sobre os diferentes usos e sem querer eliminar os usos espontâneos e legítimos, de oferecer ocasiões de utilização dos elementos ouvidos e compreendidos, que fazem parte da competência passiva das crianças. O objetivo não é substituir um uso por outro, mas, antes, familiarizar a criança com o emprego de formas prestigiosas.

Levar o aluno de um circuito rural ou urbano, como Paiquerê, a ter maior acesso às normas mais bem aceitas socialmente é favorecer sua mobilidade social. É assim que as coisas funcionam, já que “uma variedade lingüística ‘vale’ o que ‘valem’ na sociedade os seus falantes, isto é, como reflexo do poder e da autoridade que eles têm nas relações econômicas e sociais” (GNERRE, 1985, p. 4).

A escola deverá proporcionar meios para que esse alunado atinja tal patamar de adequação, e o perfil feito pela análise de redes sociais pode ser uma forma eficiente para encontrar esses meios.

Faz-se necessário estabelecer uma proposta que favoreça o estudo da língua de acordo com a realidade do aluno, de modo a incentivá-lo a conhecer uma variedade diferente da sua, sem que haja preconceito, respeitando sua identidade, de modo a desconstruir o modelo de aula como apontado por Soares (2002), cujo método trabalha a linguagem só de forma prescritiva.

Para que tal questão seja solucionada, a escola deve passar a encarar a realidade linguística atual. Deve atuar no sentido de proporcionar a inclusão, uma vez que hoje, como vemos em Scherre (2008, p. 42), “banem-se da escola não as formas lingüísticas consideradas indesejáveis, mas, sim, as pessoas que as produzem”.

O espaço em sala de aula, além de alfabetizar e letrar, deve servir como arena em que seja abordada a variação linguística de forma arraigada e clara, contribuindo para a erradicação do preconceito linguístico e para a derrocada do mito que classifica a língua portuguesa como uniforme e homogênea.

Conhecer os alunos, como se dão suas relações, com quem querem se parecer, quais suas afinidades linguísticas é fundamental para a elaboração de material didático eficiente para a concretização do ideal de todos os envolvidos com o ensino de Língua Portuguesa: criar leitores e escritores efetivos e participantes em todas as esferas da vida em sociedade.

Conclusão

Sobre tudo o que foi aqui discutido e relatado, a conclusão a que se chega é a trivial: continuar o ensino da forma como se procede hoje não é mais possível. E trabalhar com as Redes de Interação pode ser um caminho para melhorar tal conjuntura, uma vez que dá um panorama da realidade linguística dos alunos. É essencial que este tipo de estudo se expanda a fim de abranger o maior número possível de localidades, até que sejam mapeadas todas as esferas.

A análise das redes sociais é, sem dúvida, um instrumento apropriado para saber como trabalhar em sala de aula as peculiaridades apresentadas em cada rede, como a escola deve proceder para conduzir os indivíduos com esses pormenores a uma adequada capacidade linguística que lhes assegure competir e ascender socialmente.

Há outros trabalhos, projetos, programas, certamente, desenvolvendo-se nesse sentido pela imensidão que é nosso Brasil. Anseio pela mudança que virá ao germinarem as sementes daquilo que vimos plantando agora.

Mas o que importa é que começamos, e como já disse Rosa (2001, p. 440), “Todo caminho da gente é resvaloso. Mas; também, cair não prejudica demais – a gente levanta, a gente sobe, a gente volta! Deus resvala? Mire e veja. Tenho medo? Não. Estou dando batalha”.

Referências

BATTISTI, E. Redes sociais, identidade e variação linguística. In: FREITAG, R. M. K. (Org). *Metodologia de coleta e manipulação de dados em Sociolinguística*. São Paulo: Edgard Blücher, 2014.

BORTONI-RICARDO, S. M. *Nós cheguem na escola, e agora?* Sociolinguística e educação. São Paulo: Parábola, 2005.

BORTONI-RICARDO, S. M. *Educação em língua materna: Sociolinguística em sala de aula*. 6. ed. São Paulo: Parábola, 2009.

BORTONI-RICARDO, S. M. *Do campo para a cidade: estudo sociolinguístico de migração e redes sociais*. São Paulo: Parábola, 2011 [1985].

BORTONI-RICARDO, S. M. *Manual de Sociolinguística*. São Paulo: Contexto, 2014.

CAMACHO, R. G. Uma reflexão crítica sobre a teoria sociolinguística. *DELTA*, São Paulo, v. 26, n. 1, p. 141-163, 2010.

CARAVEDO, R. Principios del cambio lingüístico: una contribución sincrónica a la lingüística histórica. *RFE*, v. 83, n. 1-2, p. 39-62, 2003.

CASTILHO, A. T. de. *Nova gramática da língua portuguesa*. São Paulo: Contexto, 2010.

ECKERT, P. *Linguistic Variation as social practice*. Oxford: Blackwell, 2000.

- GAGNÉ, G. A norma e o ensino da língua materna. In: BAGNO, M.; GAGNÉ, G.; STUBBS, M. *Língua materna: letramento, variação e ensino*. São Paulo: Párabola, 2002. p. 163-238.
- GNERRE, M. *Linguagem, escrita e poder*. São Paulo: Martins Fontes, 1985.
- GOODENOUGH, W. H. Cultural anthropology and linguistics. In: GARVIN, P. L. (Hg.). *Report of the Seventh Annual Round table Meeting on Linguistics and Language Study*, Washington, D.C, Monograph Series on Language and Linguistics, n. 9, p. 167–173, 1957.
- GUMPERZ, J. The speech community. In: GIGLIOLI, P. (Org.). *Language and social context*. Londres: Penguin Books, 1972.
- HANNEMAN, Robert; RIDLE, Mark. *Introduction to social network methods*. 2005. Disponível em: <<http://bit.do/cfWwh>>. Acesso em: 18 fev. 2014.
- LABOV, W. *Princípios del cambio lingüístico*: Volumen 2: factores sociales. Madrid: Gredos, 2006.
- LABOV, W. *Padrões sociolingüísticos*. São Paulo: Parábola, 2008 [1972].
- LE PAGE, R. Projection, focusing and diffusion. *York Papers in Linguistics*, University of York, v. 9, 1980.
- MILROY, L. *Language and social networks*. 2. ed. Oxford: Blackweel, 1987.
- MILROY, L.; MILROY, J. Linguistic change, social network and speaker innovation. *Journal of Linguistics*, Cambridge, v. 21, p. 339-384, 1985.
- OLIVEIRA, E. V. de M. *Eu sou porque nós é ou eu sou porque nós somos? A variação da concordância adolescente*. Saarbrücken, Alemanha: Novas Edições Acadêmicas, 2014.
- ROSA, J. G. *Grande sertão: veredas*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001 [1956].
- SCHERRE, M. M. P. *Doa-se lindos filhotes de poodle: variação lingüística, mídia e preconceito*. 2. ed. São Paulo: Parábola, 2008.

SEVERO, C. G. A questão da identidade e o lócus da variação/mudança em diferentes abordagens Sociolingüística. *Revista Letra Magna*, n. 7, jul./dez. 2007. Disponível em: <<http://bit.do/cfWxr>>. Acesso em: 06 fev. 2011.

SOARES, M. *Linguagem e escola: uma perspectiva social*. 17. ed. São Paulo: Ática, 2002 [1986].

STREET, B. *Literacy in theory and practice*. Cambridge: CUP, 1984.

WELLMAN, B. The Network Community. *Networks in the global village*. Sociology Department, University of Toronto, Canada, 1999. Disponível em: <<http://bit.do/cfWyq>>. Acesso em: 05 nov. 2014.

Recebido em: 04/10/2015

Aceito: 01/04/2016